

A antiguidade classica nutria a conviccao que a escravidao fazia parte in dispensavel da sociedade. Aonde nao havia escravidao nao podia haver liberdade, ja que livre e o homem que relega o trabalho para o escravo. Em outras palavras: aonda nao ha escravidao, todos sao escravos. No seculo passado, sob o impacto da revolucão industrial, surgiu a esperanca de poder-se delegar o trabalho sobre as maquinas e poder-se abolir a escravidao definitivamente. Uma sociedade livre por ter relegado o trabalho para as maquinas, eis no fundo o ideal marxista. Simultaneamente surgiu o receio que ~~xxx~~ tal mecanizacao do trabalho podera resultar, nao na libertacao de todos, mas na mecanizacao de todos, portanto escravizacao de todos, exatamente como o haviam previsto os antigos. Tal visao nietzscheana do futuro e atualmente a base do pensamento neo-marxista. A retomada de Nietzsche por parte da esquerda, e a insistencia sobre a profunda semelhanca entre Marx e Nietzsche, (os dois pesquisadores da alienacao), nao e, no fundo, motivo para surpresa. Nietzsche e tao pouco responsavel pelo abuso que sofreu na mao da direita antes da guerra, quanto Marx e pelo abuso que sofreu por parte do stalinismo.

Mas e curioso observar que a situacao atual do trabalho na Europa neo-capitalista parece nao dar razao nem a Marx nem a Nietzsche. Aconteceu o seguinte: A revolucão industrial conseguiu substituir o trabalho humano na industria e na agricultura por trabalho mecanico muito mais eficiente que o humano, mas nao conseguiu substitui-lo nos trabalhos manuais mais humildes, (como a arrumacao da casa, a limpeza das ruas, a manipulacao auxiliar e subsidiaria na industria e agricultura). Isto e extremamente curioso: a maquina supera o homem nos seus movimentos complexos, mas nao consegue iguala-lo nos seus movimentos mais simples. (Qualquer que seja a explicacao do fato, quica mais economica que tecnica, e preciso aceitar o fato enquanto fato caracteristico da atualidade e do futuro imediato). De modo que a maquina liberta o homem em muito campos de atividade complexa, (portanto de certa forma digna do homem), mas nao nos campos de atividade humilde, (portanto indigna). O resultado nao foi previsto nem por Marx nem por Nietzsche: uma sociedade que consiste de grande maioria de homens "livres", (no sentido de substituidos por maquinas e libertos para outro tipo de atividade), e pequena minoria de "escravos", (no sentido de executores de trabalhos humildes e indignos).

Um semiciclo de paizes ditatoriais e relativamente pouco avancados cerca a Europa ocidental pelo sul, (Turquia, Grecia, Iugoslavia, Espanha, Portugal), e e este semicirculo que lhe fornece os milhoes de escravos dos quais necessita. Mas dada a ideologia liberal que domina a Europa Ocidental, o fato nao

VILÉM FLUSSER

pode ser admitido abertamente. Como dizer que o trabalho escravo executado por milhões de pessoas adquiridas nos mercados humanos no exterior sustenta a economia liberal e socializante? Os países de fala alemã, (Alemanha Ocidental, Suíça e Áustria), encontraram uma fórmula salvadora: não são escravos, são hóspedes-trabalhadores, (Gastarbeiter). (Alias, esta tendência do alemão para encobrir fatos em neologia linguística, muito antiga, articula-se atualmente em formas bizarras: empregada doméstica e "estruturadora do espaço", é massagista e "curadora da beleza do corpo".) O termo "Gastarbeiter" alude à antiquíssima figura do hóspede, (sacralizada em toda cultura primitiva), e à figura do trabalhador (sacralizada no século passado), e contribui desta forma romântica e saudosista para tranquilizar consciências porventura perturbadas. Mas o mito do hóspede tem muito pouca semelhança com a realidade na qual se encontram os iludidos que labutam nas camadas inferiores das sociedades ricas.

O hóspede é figura constante em todos os mitos, e a hospitalidade faz parte de todos os ritos. Com efeito, a dessacralização do hóspede e a diluição da hospitalidade são medidas da desnítização de uma sociedade. O mandamento que regula a observação do sábado no Antigo Testamento faz referência direta ao hóspede, em tcheco há o ditado antigo "hóspede em casa, Deus em casa", há povos nos quais a hospitalidade inclui não apenas o oferecimento de pão e sal, mas da própria esposa para uma noite, e quem viaja no Brasil do norte rumo ao sul pode observar a diminuição da hospitalidade na medida na qual avança rumo ao "desenvolvimento". Uma explicação disto talvez seja esta: O primitivo vive em sociedade pouco numerosa e relativamente isolada, (tribo, aldeia), e os membros do seu grupo lhe são próximos num sentido diluído pela sociedade moderna. (Daí a nossa dificuldade de vivenciar o "próximo" no sentido bíblico do termo.) Quando, de raro em raro, aparece um estranho, e vivenciado em plena estranheza, enquanto incomum, surpreendente, suspeito, em suma "outro". Pois os atributos mencionados são atributos característicos da divindade. A hospitalidade faz parte do ritual pelo qual o primitivo propicia a divindade. A pouca cerimônia com a qual recebemos hóspedes em casa é sintoma do nosso afastamento das origens, e os restos de cerimônia aos quais recorremos em tais ocasiões são provas da permanência das heranças.

O método pelo qual hóspedes-trabalhadores são empregados e estes agentes nos países sulinos mencionados e não mencionados, (por exemplo: Argélia, Sicília, Paquistão etc.) oferecem a camponeses contratos de trabalho nos países desenvolvidos, com salários determinados, prazos determinados e com o direito de transferir as poupanças, findo o contrato, para o país da origem.

VILÉM FLUSSER

As condicoes do contrato, no caso da sua aceitacao por parte do camponez, sao naturalmente obedecidas rigorosamente. O salario oferecido e multiplo do melhor salario alcancavel pelo camponez na sua propria terra. O camponez nao e portanto nem coagido nem ludibriado, e falar em "escravidao" parece ser portanto desproposito completo. Trata-se, pelo contrario, de oportunidade oferecida generosamente a um "subdesenvolvido" de participar diretamente do milagre economico, e fazer participar, indiretamente, tambem a sua familia e sociedade.

O que os agentes calam e isto: O hospede, quando começa a usufruir da hospitalidade desenvolvida, e submetido a regime e ritmo de trabalho inteiramente diferente do seu. Os preconceitos xenofobos da sociedade desenvolvida restringem severamente as suas possibilidades de alojamento, e o alojamento miseravel que consegue, ja que campo de especulacao, absorve quase a metade do seu salario fabuloso. Outra parte do salario e absorvida pelo fisco eficiente e portanto inevitavel, (coisa que nao se da no paiz de origem). A alimentacao, (estranha e portanto pouco apetitosa) consome outra parte apreciavel, (ja que muito mais cara que na patria levianamente abandonada). E o resto do salario e consumido pelo vestiario exigido por clima inclemente. Acresce-se o seguinte: O hospede-trabalhador rompe, pela sua mera aparencia fisica que destoa do ambiente, pela sua visivel pobreza que destoa da riqueza do ambiente, pelos seu gestos, costumes e sua cultura estranha, em suma pela sua mera presenca, o tecido bem organizado mas altamente vulneravel, e torna-se portanto como que espontaneamente para-raio da agressividade reprimida do ambiente. (Este fato nao e desmentido, mas salientado, pelos admitidamente numerosos esforcos de pessoas e firmas bem intencionadas, que se esforcam por um tratamento mais digno dos hospedes-trabalhadores). Mas admitamos, inclusive, que a duras penas e com sacrificio de varios anos de vida o hospede consiga realmente juntar alguma economia e voltar, vitorioso, para o seio dos seus. Ai verificara que perdeu as suas raizes e que e, doravante, estrangeiro, (hospede), em toda parte. Pois calar algo, (como o fazem os agentes), é ludibriar, e casos semelhantes, (por exemplo angariar prostitutas para paizes estrangeiros), sao chamados inclusive em linguagem legal "escravidao branca". De maneira que o hospede-trabalhador merece ser chamado de escravo.

Pode se argumentar, obviamente, que nao se trata de verdadeiros escravos. Escolheram livremente o emprego. Podem demitir-se se assim desejarem. E depois de vencido o contrato sao, de toda forma, livres. Mas quando a livre escolha, esta pode ser considerada nula em situacao na qual faltam criterios de escolha. A liberdade de demitir-se é severamente cerceada, e a

VILÉM FLUSSER

problematicidade da liberdade depois do contrato ja foi discutida. E pode se dizer, inclusive, o seguinte: O escravo no sentido classico, (e brasileiro), do termo e propriedade do dono, e como toda propriedade exige cuidado do dono. Mas o hospede-trabalhador e coisa utilizada por quem lhe estende hospitalidade apenas por prazo determinado, e exige cuidado menos atento. Por isto a relacao "escravo classico-dono" e mais humana que a relacao "hospede trabalhador-hospitalidade no sentido atual do termo".

Assim formulado, o problema passa a fazer parte organica da problematica atual que diz respeito as relacoes intra-humanas. Para os primitivos o hospede e o outro, e com isto hierofania do inteiramente Outro. Para os classicos, (e os escravocratas brasileiros do seculo passado), o escravo e objeto, e como tal, embora manipulavel, tambem valor a ser salvaguardado. E para os paises desenvolvidos o hospede-trabalhador nao passa de instrumento ad-hoc utilizavel, embora indispensavel. Ja que o problema faz parte da problematica geral, nao pode ser sanado por paliativos, mas apenas por reformulacao da relacao entre os homens. E a fantasia se recusa de imaginar tal reformulacao em sua radicalidade. Por exemplo: Que seria das sociedades ricas, se admitirem o hospede-trabalhador em sua dignidade humana? Quem fara os trabalhos humildes indispensaveis? Serao mecanizadas, e como? Ou serao ainda realizados por estrangeiros, mas de forma diferente? Ou pelos proprios desenvolvidos, que para tanto nao tem nem motivacao economica nem a minima vontade? O futuro e inimaginavel em muitos aspectos, inclusive neste. Mas uma coisa e certa: se a escravidao chamada hospede-trabalhador for abolida por qualquer ato emancipador por ora inimaginavel, o milagre economico da Europa Ocidental, (por certo um dos acontecimentos mais admiraveis da historia), estaria ameaçado.